

EDITORIAL

Os trabalhos que compõem o número XXVI (2013) da *Revista de Italianística* estão vinculados a temas ligados ao ensino e à aprendizagem das línguas estrangeiras/segundas línguas e refletem, em especial, sobre o ensino do italiano, a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas que vão da competência pragmática ao estudo do *code-switching* em sala de aula e do ensino baseado no *focus on form* (foco na forma) à análise contrastiva.

Além disso, a língua italiana é também vista como parte do panorama plurilíngue e se insere, junto com outras línguas, em propostas didáticas e comparações que podem mudar nossa atitude como professores, pesquisadores, aprendizes e cidadãos.

Outro ponto de vista sempre presente na revista é o do ensino e da aprendizagem do italiano no Brasil, já que muitos dos leitores e dos autores operam no Brasil na área de *Italianística*. A difusão do ensino da língua italiana e a análise de problemas específicos ligados à realidade brasileira fazem parte, como sempre, de nossas preocupações específicas.

Ao mesmo tempo, buscamos também olhares diferentes e os colaboradores deste número não são apenas docentes e pesquisadores ligados a instituições brasileiras: há também contribuições de duas pesquisadoras italianas, que apresentam estudos e propostas realizados a partir de outra condição, enriquecendo as reflexões e oferecendo a oportunidade de trocar experiências.

Agradecemos a todos por sua inestimável colaboração, que garante à revista a possibilidade

de oferecer um panorama sobre temas importantes ligados à língua italiana.

Este número inicia com o artigo de **Elena Nuzzo** (*Università degli Studi Roma Tre*) “*La pragmatica nei manuali d’italiano L2: una prima indagine sull’atto linguistico del ringraziare*”, que discute os resultados de um estudo exploratório, focalizado no ato de fala do agradecimento e baseado na análise de livros didáticos de italiano L2 e séries televisivas. Os dados confirmam que, como já constatado para outras línguas, os livros didáticos reduzem a variedade de contextos, de situações comunicativas e de variáveis sociais e, dessa forma, simplificam as realizações linguísticas do ato de fala analisado, não oferecendo aos aprendizes um *input* que permita ter contato com expressões utilizadas na vida real. Embora não seja possível afirmar que a língua das séries televisivas é de fato comparável à fala espontânea, o quadro que resulta da análise do material selecionado permite constatar que elas contêm uma maior riqueza comunicativa, aproximando-se do uso real e podendo assim ser uma fonte mais apropriada de *input* pragmático.

Roberta Ferroni (Universidade de São Paulo), em seu estudo “*Funzioni identitarie dell’alternanza linguistica in apprendenti di italiano durante lo svolgimento di attività in gruppo*”, descreve e discute a estrutura da interação na sala de aula de língua durante o desenvolvimento de atividades em grupo, com o objetivo de analisar de que forma as línguas presentes na sala de aula, em especial a língua materna, expressam as variadas identidades que constituem cada indivíduo e como se mostram em contínua transformação. A pesquisa fundamenta-se na abordagem etnográfica e utiliza os instrumentos teóricos da análise da conversação. Os dados foram coletados por meio da observação e da gravação em sala de aula de um grupo de aprendizes brasileiros de italiano.

As pesquisadoras e professoras **Elena Nuzzo** (*Università degli Studi Roma Tre*) e **Anna Whittle** (*Università per Stranieri di Siena*) exploram em “*Insegnare la grammatica italiana a bambini immigrati: un esperimento sul focus on form nella classe multilingue*” as possíveis aplicações de técnicas do *focus on form* (foco na forma) na didática da L2 na realidade multilíngue da escola primária italiana. O estudo demonstra que, nas aulas de italiano L2, sessões breves e regulares baseadas no *focus on form* produzem efeitos positivos para o desenvolvimento da interlíngua de crianças imigradas que participam de uma classe multilíngue e que o tratamento didático se insere no percurso espontâneo de aquisição, tendo como resultado acelerar o processo. O estudo comparou três grupos de crianças em turmas frequentadas por falantes nativos, quase-nativos e não-nativos de italiano e concentrou-se, em especial, em 14 aprendizes chineses que,

após dois anos de escolarização, ainda demonstravam escassa competência gramatical. Os dados foram coletados com uma bateria de tarefas, realizada pelos aprendizes antes do tratamento didático (pré-teste), imediatamente depois (pós-teste) e após um período mais longo (pós-teste tardio) e a análise estatística evidenciou um claro efeito positivo do tratamento didático.

No artigo “A otimização de estratégias didáticas através da análise contrastiva” da professora **Lúcia Fulgêncio** (Universidade Federal de Minas Gerais), são apresentados alguns problemas linguísticos específicos de brasileiros que estudam italiano, com o objetivo de colocar em evidência dificuldades de aprendizagem que dependem da língua materna do aluno. A autora afirma ser inevitável a transferência dos conhecimentos prévios e defende, portanto, a importância do enfoque contrastivo. No texto, são comparadas estruturas da língua estrangeira (italiano) e a da L1 (português-brasileiro), para focalizar os problemas específicos dos alunos, evidenciados a partir da análise de um *corpus* de produções espontâneas em italiano, escritas por alunos brasileiros. Uma vez identificadas as dificuldades que resultam do *transfer*, será preciso, segundo a pesquisadora, dedicar a elas especial atenção, inclusive prevendo que os livros didáticos incluam explicações e atividades adicionais para os falantes de cada L1.

Intitula-se “Intercompreensão entre línguas românicas: contextos, perspectivas e desafios” a contribuição de **Regina Célia da Silva** (CEL-Unicamp) que não trata unicamente de italiano, mas do ensino concomitante das línguas românicas proposto pela perspectiva da intercompreensão. O italiano une-se a francês, espanhol, português, catalão e outras línguas românicas para estimular a possibilidade de desenvolver estratégias de compreensão que permitam a comunicação plurilíngue. A autora descreve a experiência de incluir uma disciplina de intercompreensão no CEL da Unicamp e discorre sobre a importância da interculturalidade para a formação plurilíngue, como tema “motivacional” na aprendizagem de línguas, acrescentando considerações sobre como, no contexto europeu, a tendência seja adotar políticas de multilinguismo para favorecer o equilíbrio das relações econômicas e sociais entre os países.

Parte de uma perspectiva plurilíngue também a pesquisa de **Claudia Astorino** (Universidade Federal de São Carlos), que tem como tema a terminologia de Agenciamento de viagens e Turismo, em língua italiana, mas em comparação com outras línguas como indica o título do trabalho que é “Aspectos da terminologia de *agenciamento de viagens e turismo* em língua italiana, em comparação aos idiomas português, inglês e espanhol”. A autora aborda a temática da linguagem do turismo e apresenta um *corpus* de extração, constituído por oito obras acadêmicas voltadas ao estudo do turismo em nível superior, em quatro idiomas (português, inglês, espanhol

e italiano). À luz da Teoria Comunicativa da Terminologia, foram analisados os dados em língua italiana, chegando-se à constatação de que há na língua de especialidade transposições da língua comum, uma forte influência da língua inglesa e uma acentuada incidência de parassinonímia. Nas conclusões, destaca-se que a terminologia de Agenciamento de Viagem e Turismo em italiano, assim como nos demais idiomas investigados, não responde a eventuais tentativas de normalização. Embora o tema não esteja diretamente ligado ao ensino e à aprendizagem do italiano, os resultados podem ser de grande utilidade, em especial, para os que aprendem e/ou ensinam essa língua de especialidade.

O último artigo desse número da revista é de autoria de **Fernanda Ortale e Fabio Zorzan** (Universidade de São Paulo) e se intitula “Mapeamento dos Municípios com ensino de italiano em escolas públicas”. Os autores apresentam um mapeamento dos municípios brasileiros, nos quais há escolas da rede pública com o ensino de italiano e fazem uma reflexão sobre as potencialidades de inserção da língua italiana, com base em documentos oficiais. Para verificar a presença do ensino de italiano em escolas públicas brasileiras, foi utilizado um elenco dos municípios, agrupados por Estados ou regiões, que revela, inclusive, o conhecimento parcial, por parte de órgãos e instituições, da realidade do ensino de italiano no contexto das escolas públicas brasileiras. Os dados apresentados são importantes para compreender como se dá a presença do italiano nos mais variados contextos, o que permite o desenvolvimento de futuras pesquisas relacionadas à formação de professores, mas também às possibilidades de expansão do ensino de uma língua profundamente ligada à história do Brasil e aos seus habitantes.

Para finalizar, gostaríamos de frisar a importância das contribuições enviadas à *Revista de Italianística*, graças às quais este se confirma como um espaço no qual continuar a discutir e a investigar temas relacionados ao ensino e à aprendizagem do italiano como língua estrangeira e como L2, mas também a outras questões que incluem o plurilinguismo e os fenômenos de contato entre português e italiano.

Convidamos agora à leitura, certas de que os trabalhos trazidos neste número poderão subsidiar novas pesquisas que foquem temas referentes à língua italiana no Brasil e à formação de professores.

Angela M. T. Zucchi, Elisabetta Santoro e Olga Alejandra Mordente